

TOMÁS DE KEMPIS

IMITAÇÃO DE CRISTO



INTRODUÇÃO

Heres Drian de O. Freitas

Se hoje o sucesso de uma obra é indicado pela quantidade de suas edições e traduções, até o início da era moderna era-o por sua reprodução manuscrita. Quanto à *Imitação de Cristo* – doravante *Imitação* –, afirma-se, praticamente em toda introdução à obra e comentário a seu respeito, que é um dos textos mais lidos e reproduzidos da literatura cristã. Manuscritos, edições e traduções testemunham seu sucesso. A bibliografia reporta mais de 800 manuscritos, traduções foram feitas logo depois da publicação do original latino, e suas edições, em latim e em vernáculo, multiplicaram-se com o advento da imprensa.¹

“Obra-prima da ascese e da mística cristã”,² o texto da *Imitação* tocou o coração de uma miríade de leitores em seu mais

de meio milênio de existência: influenciou santos, como Teresa d'Ávila, Tomás Morus, Carlos Borromeo, Inácio de Loyola, Dimitri de Rostov, Teresa de Lisieux, Dom Bosco e outros; considerado precursor da Reforma Protestante,³ foi saboreado por papas, como Pio XI, João XXIII, João Paulo I, apreciado por eruditos não ligados a ambientes eclesásticos, como Augusto Comte e Voltaire, lido por muçulmanos⁴ e hindus,⁵ e citado em romances.⁶ Com razão, o livro que o leitor tem em mãos é um clássico. E mesmo que não seja um compêndio de doutrina cristã, contém o núcleo do que é o cristianismo: seguimento humilde de Cristo. Contudo, também é verdade que a obra, além de joia da espiritualidade cristã, é objeto de um plurissecular debate, nem sempre tranquilo, quanto a seu verdadeiro autor.

Datação e autoria

Sabe-se que o primeiro livro da *Imitação*⁷ – que não nasce como a conhecemos hoje –

já circulava em 1424, ano de que é datado o mais antigo manuscrito com esse livro, e os livros 2, 3 e 4 estavam concluídos em 1427,⁸ ano de que é datado o mais antigo manuscrito com os quatro livros. Pode-se, portanto, a partir de critérios codicológicos, datá-lo, no conjunto de seus quatro livros, entre 1424-1427. Contudo, como o mais antigo manuscrito da *Imitação* não é o manuscrito original do autor, tende-se a, cautelosamente, retrair sua datação a, se não a antes, 1420-1427.

Quanto à autoria, ainda que, em geral, concorde-se que a *Imitação* seja obra de um só autor,⁹ ao longo de sua transmissão manuscrita, foram-lhe atribuídos mais de quarenta autores diferentes. Assim, um dos indicadores de seu sucesso inicial, a grande quantidade de manuscritos,¹⁰ tornou-se fonte problemática para a determinação do autor, de modo que se identifica a complexa tradição manuscrita com a complexa questão autoral: tanto em sua circulação como livros independentes quanto como unidade codicológica, há manuscritos em que o tex-

to circulou como anônimo e há outros em que a atribuição da paternidade da obra, feita pelos próprios copistas, é muito variável. Além de muitos outros, já foram considerados autores da *Imitação* João Escoto Erígena, São Bernardo de Claraval, o Papa Inocêncio III, Tomás Gallo, Davi de Augsburgo, São Boaventura, Ubertino de Casal, Pedro de Corbario, Ludolfo de Saxônia, Henrique Eger, Walter Hilton.

No início do século XVII, teve início uma disputa acerca do verdadeiro autor da *Imitação*. Uma polêmica que, ora mais ora menos inflamada – e não raramente carregada de sentimentos nacionalistas –, chegou a ser motivo de processos judiciais em Paris.¹¹ A disputa chegou até nossos dias, mas atualmente se encontra reduzida a três personagens:¹² Giovanni Gersen,¹³ Jean Gerson¹⁴ e Tomás Kempis.¹⁵

Giovanni Gersen seria um abade (1220-1250) beneditino de Verceli.¹⁶ Quase trinta manuscritos atribuem a ele a autoria da *Imitação*. O problema para essa atribuição

parece estar na dificuldade de demonstração da historicidade do personagem, apoiada em documentação não muito consistente. Além disso, considerando-se o sucesso da obra – a menos que se tratasse de uma composição extemporânea e, por isso, esquecida, o que soa estranho –, é incomum a ausência, por quase dois séculos, de manuscritos. Talvez Gersen seja grafia errônea de Gerson.¹⁷

Alguns manuscritos trazem Jean Charlier Gerson (1363-1429) como autor da *Imitação*. Gerson foi chanceler da Universidade de Paris e gozava de boa fama como autor espiritual. Mas a *Imitação* não consta na lista de suas obras autênticas – nem na que ele mesmo fez nem na que fez seu irmão – e seu estilo parece não condizer com o destas últimas. Além disso, por que um autor renomado publicaria um texto que faria circular inicialmente como anônimo?

Tomás Hemerken (1379/1380-1469/ 1471), a quem grande número de manuscritos atribui a paternidade da obra, é conhecido

pelo nome da cidade onde nasceu, Kempen – *Kempis*, na forma latina – (hoje na Alemanha). Estudou com os Irmãos da Vida Comum, em Deventer (Holanda), e tornou-se cônego no priorado de Agnietenberg (monte Santa Agnes, ou Inês, perto da cidade de Zwolle, pertencente à Congregação de Windesheim). Aí fez seus votos (1406), foi ordenado sacerdote (1413/1414) e foi mestre de noviços, copista e escritor.¹⁸

Os estudos históricos de J. Huijben e P. Debongnie e os codicológicos de L. M. J. Délaissé – que se dedicou a um manuscrito autógrafo datado de 1441¹⁹ – convencem muitos imitacionistas quanto à paternidade kempista da obra. Contudo, permanece sem esclarecimento satisfatório a razão de o texto ter circulado anonimamente antes do autógrafo: por que Kempis assumiria a autoria da obra somente num manuscrito com os quatro livros e cerca de vinte anos depois da primeira publicação do já difuso livro 1? Além disso, as edições críticas posteriores – e, por conseguinte, grande número das edi-

ções de nossos dias – não seguem a ordem dos livros adotada no autógrafo de Tomás: 1, 2, 4, 3.²⁰ Há, portanto, ainda, questões a serem esclarecidas.²¹ Mesmo assim, dois dados aparentemente certos sobre o autor são extraíveis da própria obra: em colóquio com Deus, ele nos diz que é monge (III,10) e sacerdote (celebra a eucaristia: III, 3; sente o Senhor dizer-lhe que deve celebrá-la fielmente: IV, 5; e pede a Ele que lhe conceda celebrá-la dignamente: IV, 11).²² Não podemos, até o momento, ir além.

Talvez o melhor que possamos fazer seja deixar aos pesquisadores a investigação acerca do autor da *Imitação*, e acolher um conselho que ele mesmo – independentemente de quem seja – nos dá: “Não te sirva de obstáculo a autoridade do escritor, [...] mas o amor da pura verdade atraia-te a ler. Não procures saber quem disse tal coisa, mas presta atenção ao que se diz” (*Imitação* I, 5), neste caso, a esta joia legada pela *Devotio moderna*.

A Devotio moderna

Iniciado por um bem educado e erudito leigo de família abastada, Geert Groote (1340-1384),²³ de Deventer (Holanda), no final do séc. XIV, o movimento espiritual chamado ***Devotio moderna***²⁴ – devoção moderna, contemporânea, atual – floresceu nos Países Baixos, na Alemanha e alhures.

Ainda que tivesse benefícios eclesiásticos, Groote não levava uma vida muito virtuosa. Por volta de 1374, converte-se, abandona seus benefícios, retira-se numa cartuxa em Munnikhuizen e decide abraçar uma vida ascética, de pobreza e verdadeira devoção. Em 1377, passa um tempo com o místico e escritor Jan van Ruysbroek (1293/1294-1381),²⁵ para conhecer sua concepção da vida monástica. Ordenado diácono, recebe permissão para pregar na diocese de Utrecht e, de volta a Deventer, na casa de Florens Radwijns († 1400), seu amigo e discípulo, dá início aos Irmãos da Vida Comum,²⁶ grupo de leigos – homens e

mulheres – e sacerdotes seculares, cujo fim último era abandonar o mundo, dedicar-se somente a Deus, preparar-se para a vida eterna. Os Irmãos da Vida Comum distinguiram-se das demais ordens regulares pelo fato de não terem votos oficiais e suas comunidades não terem, inicialmente, a organização dos mosteiros de então.

Florens Radwijns, após a morte de Groote – devido à peste negra –, dá continuidade à obra iniciada por este último e estabelece a “Congregação dos Cônegos Regulares de Windesheim”, sob a Regra de Santo Agostinho. Irmãos e Cônegos levavam uma vida de estilo mais contemplativo, em comunidades centradas na oração e na piedade individuais, na ascese interior. Essas comunidades tornaram-se influentes centros de promoção de reforma monástica e de forte espiritualidade, difundidas por seu próprio modo de vida, como também, principalmente, por antologias – conhecidas como *Rapiaria* ou *Collectaria* – das Escrituras e de textos es-

pirituais vários, bem como por obras de seus próprios membros, normalmente em vernáculo. Suas comunidades parecem ter tido bons *scriptoria*²⁷ e escolas.

A promoção da reforma monástica, e do meio eclesiástico em geral, era intencional e clara – e necessária –, pois, não só naquela região,²⁸ instituições eclesiásticas manifestavam decadência moral. A pobreza do movimento, de poucas posses e em comum, e a simplicidade de seus edifícios, bem como sua pregação, opunham-se à riqueza de mosteiros, abadias, conventos, dioceses... Seu modo de vida atraía leigos e sacerdotes seculares, normalmente pobres e de modesta ou nenhuma erudição, para os quais a produção literária – direta ou fruto de pregações – do movimento era bastante apropriada, não por adequação editorial, mas por ser, conforme seu estilo de vida, acessível a qualquer pessoa.

O acento na vida interior, na piedade e na devoção pessoal, numa recolhida relação de intimidade, portanto, entre a alma e Deus,

determinavam sua vida litúrgica e, preferencialmente, excluía elementos paralitúrgicos, como procissões e peregrinações,²⁹ o que explica suas poucas e simples celebrações corais. Assim, o movimento – intencionalmente – instruía e plasmava a vida cristã de gente simples, que de teologia sabia pouco, mas das discrepâncias entre a moral cristã e a do dia a dia, particularmente a do clero, sabia muito. Por isso o movimento procurou, desde o início, descobrir e incentivar procedimentos práticos e eficazes para realizar seu objetivo. O melhor deles, e mais característico, foi a proposta da ascese de tipo psicológico interior, com análise e introspecção. Daí uma espiritualidade mais “afetiva”, extremamente mais acessível que uma fundada em especulações teológicas. Por fim, uma oração pessoal como diálogo interior com Deus. Não se privilegiavam – aliás, o movimento desconfiava e destacou-se dos – estados de experiência mística mais extática e mais especulativa, mas estados interiores comuns, como a desolação, a contrição, a consolação.

O contexto histórico, caracterizado fundamentalmente por uma inquietação generalizada,³⁰ em que surgiu a *Devotio moderna* deve ter contribuído para o desenvolvimento de suas propostas como espiritualidade da intimidade; uma espiritualidade comum, acessível, afetiva, efetiva – a espiritualidade da *Imitação* –; mas não por isso uma espiritualidade datada, menos ascética ou menos mística.

Tem-se especulado bastante a respeito das razões do declínio do movimento (séc. XVI/XVII), para o qual, entre outros motivos, pode ter contribuído não pouco a oposição de autoridades eclesiásticas. Contudo, um de seus mais belos frutos permanece na *Imitação*.

Destinatário da *Imitação*

Escrita para o contemporâneo da *Devotio moderna*, a *Imitação* parece destinada a ascetas ou aspirantes à vida ascética. Parece. O conteúdo da obra quadra perfeitamente

com o da espiritualidade de que é fruto e com seus objetivos, mas supera seu contexto histórico e seu destinatário imediato, tornando-se acessível e útil a todo cristão, ao ser humano capaz de e disposto a compreender o cristianismo naquilo que lhe é nuclear: o seguimento de Jesus Cristo. Assim, a obra não se destina exclusivamente a ascetas ou aspirantes à vida ascética, se com isso entendermos monges ou leigos devotados, em senso técnico, à vida religiosa. A obra mesma o indica.

É certo que há referências inegáveis à vida monástica esparsas pelo texto (por exemplo, I, 17-18), que deve ter circulado amplamente entre as comunidades dos Irmãos da Vida Comum, bem como entre ordens regulares. Contudo, o próprio texto supõe um leitor não membro de uma comunidade monástica ordinária, oficialmente estabelecida, e destina-se também a alguém que vive no mundo, mas que deve pautar sua vida na vida e nos costumes de Cristo, que não é valor exclusivo

para monges. Nesse sentido, notem-se as passagens da segunda pessoa à terceira do singular, e vice-versa, em I, 25, e de como, aí, passa-se, igualmente, das considerações sobre o religioso consagrado ao ser humano em geral.

Assim, o constante uso da primeira pessoa ao longo de toda a obra – embora talvez possa dizer algo sobre o autor e seu possível ambiente – diz muito mais sobre o leitor, sobre o cristão e sua espiritualidade, o seguimento de Cristo. Por isso, as palavras de contrição e arrependimento não têm um fim de informação biográfica, mas de exortação, suscitando uma experiência possível a todo e qualquer leitor, que pode, igualmente, considerar-se interlocutor de Jesus Cristo nos livros 3 e 4; todo e qualquer cristão pode experimentar o diálogo íntimo com o Mestre, que é seguido, e pôr-se como seu imitador.

Quem tem medo da *Imitação*?